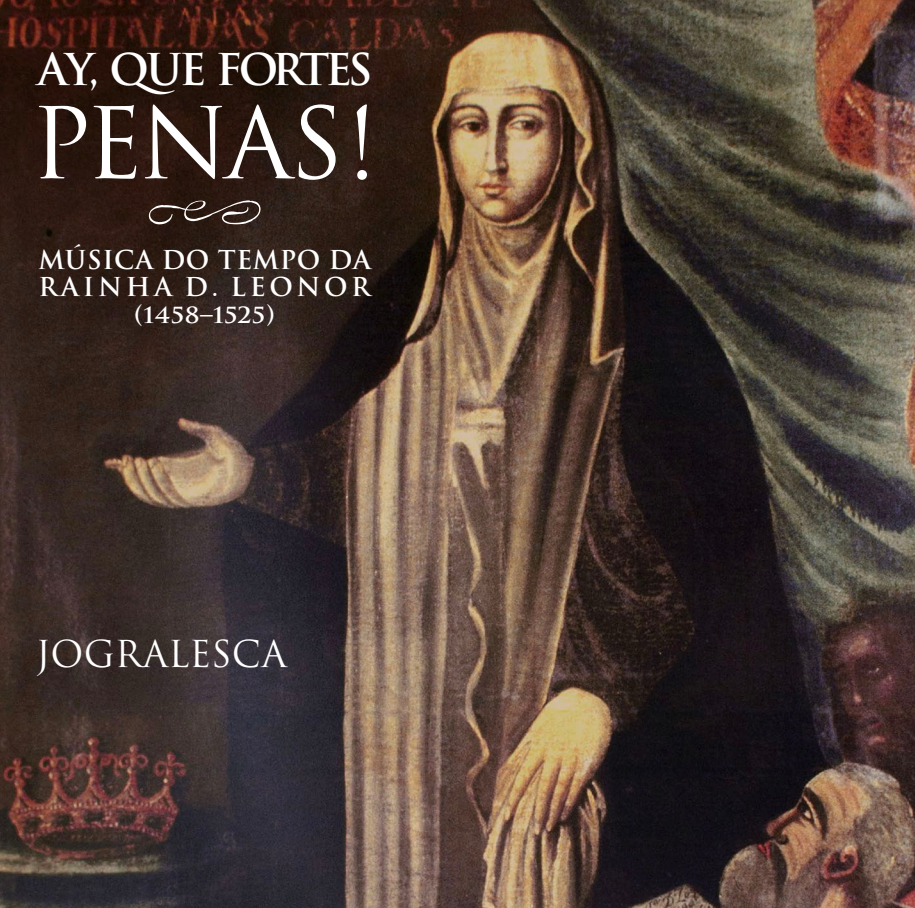


AY, QUE FORTES
PENAS!



MÚSICA DO TEMPO DA
RAINHA D. LEONOR
(1458-1525)

JOGRALESCA



AY, QUE FORTES PENAS!

MÚSICA DO TEMPO DA RAINHA D. LEONOR

1. Dit le bourguignon

Anónimo, *Harmonice Musices Odhecaton*, Ottaviano Petrucci, 1501

2. Casamento de D. Leonor

Garcia de Resende

3. Minina formosa

Anónimo, *Fitzalan Partbooks*, séc. XVI

4. Vida da minha alma

Anónimo, *Fitzalan Partbooks*, séc. XVI

5. Casamento do príncipe D. Afonso

Garcia de Resende

6. Basse dance «Magdalena» / Tourdion

Anónimo, ed. Pierre Attaignant, 1529

7. Morte do príncipe D. Afonso

Garcia de Resende

8. Ay, ay, ay, ay, que fortes penas

Anónimo, ms. 12744 da Biblioteca Nacional de Paris, séc. XV

9. Dindiridin

Anónimo, *Cancioneiro de Montecassino*, ca. 1480-1500

10. La bella mal maridada

Anónimo / Luys Narvaez (1500-ca. 1550)

11. Falalalan falalalera

Anónimo, *Cancioneiro de Upsala*, séc. XV/XVI

12. Doença de D. Leonor

Garcia de Resende

13. Tuba gallicalis

Anónimo, Biblioteca Municipal de Estrasburgo, séc. XV

14. Il sera pour vous combattu / L'homme armé

Robert Morton (ca.1430-ca. 1479)

15. Calata alla spagnolla ditto terzetti

Joan Ambrosio Dalza, *Intabolatura de lauto*, 1508

16. Mille regretz

Josquin des Prés (1450-1521) / Luys Narvaez (1500-ca. 1550)

17. Minina dos olhos verdes

Anónimo, *Cancioneiro de Paris*, séc. XV-XVI

18. Fundação da igreja de N. S. do Pópulo e do Hospital das Caldas

Rainha D. Leonor

19. Portugaler / Ave tota casta virgo

Anónimo, *Códice de Santo Emerão*, séc. XV

20. Falla con misuras

Guglielmo Ebreo, Perugia, Biblioteca Comunale, Ms. 431, ca. 1480

21. Si dormis doncella

atr. Gil Vicente, *Quem tem Farelos*, 1515

22. Norabuena vengas Menga / Norabuena quedes Menga

Anónimo, séc. XV/XVI / Gil Vicente

23. Pues que ya nunca nos veis

Juan del Encina (1469-1530)

Jogralesca

Ana Clément - Voz, flautas de bisel, charamela e percussão

Ana Margarida Silva - Flautas de bisel

João Caldas Lopes - Voz, flautas de bisel e charamela

Orlando Trindade - Voz, viola de mão e percussão

Joaquim António Silva - Alaúde, viola de mão, viola de gamba, charamela e direcção musical

MÚSICA DO TEMPO DA RAINHA D. LEONOR

No dia 17 de Novembro de 2025 assinalaram-se quinhentos anos sobre a morte da rainha D. Leonor (1458–1525), figura marcante da História de Portugal pela sua discreta mas decisiva influência política, mas sobretudo na sua qualidade de benfeitora, fundadora das Misericórdias, e promotora da cultura e das artes.

Sobrinha do rei D. Afonso V, Leonor tinha apenas doze anos quando casou com o seu primo, o príncipe e futuro rei D. João II. A princesa foi assim criada no seio da mais instruída elite da nobreza portuguesa, cuja cultura, à época, era fortemente influenciada pela sua congénere flamenga – um dos mais fervilhantes e faustos pólos culturais da Europa, especialmente no que toca à arte da música. De facto, se as cidades italianas se assumiam como centros de inovação na arquitectura e artes visuais, a vanguarda da formação, desenvolvimento e produção musicais na Europa cabia então à região do Norte de França e Flandres, sob domínio dos Duques de Borgonha, associada a célebres compositores como Guillaume Dufay e Gilles Binchois.

A interacção com a cultura flamenga era já intensa no reinado de D. Duarte, avô de D. Leonor, particularmente reforçada pelo casamento de D. Isabel, irmã do rei, com Filipe o Bom, Duque de Borgonha, em 1430. D. Afonso V deu continuidade a esse legado, contando com músicos flamengos ao seu serviço. Através destes contactos, é possível que tenham chegado a Portugal danças como a *basse danse* **Le bourguignon** [1] e o **Tourdion** [6] (tordião, em português), fanfarras instrumentais como **Tuba gallicalis** [13], e a famosa melodia *L’homme armé* – uma cantiga popular borgonhesa que se tornou conhecida em toda a Europa, com base na qual foram criadas dezenas de diferentes composições sacras e profanas, entre as quais o arranjo **Il sera pour vous combattu** [14].

Este intercâmbio cultural não parece ter sido completamente unidireccional. De facto, há indícios de que também a música portuguesa terá feito incursões na Europa central, fenómeno relacionado com a presença de infantas portuguesas

nessas regiões – não só a já referida D. Isabel, mas também a sua sobrinha, (outra) D. Leonor, casada com o imperador Frederico III de Áustria em 1452. Um testemunho concreto desse intercâmbio é a popularidade granjeada por uma melodia de dança intitulada *La portingaloise* ou **Portugaler** [19] que teve ampla circulação em territórios alemães, flamengos e ingleses, sob diversas versões e adaptações, uma delas possivelmente do próprio Guillaume Dufay.

Uma vez no trono, em 1481, o rei D. João II e a rainha D. Leonor deram continuidade ao gosto musical de D. Afonso V, contratando para o seu serviço vários músicos flamengos, alemães e ingleses, por elevados valores. À interacção com o norte da Europa juntaram-se os contactos com a vizinha Espanha, reforçados pelo casamento, em 1490, do príncipe D. Afonso, filho único do casal, com Isabel de Aragão, filha dos Reis Católicos – danças de estilo castelhano, de que são exemplos a **Calata** [15] e a **baja Falla con misuras** [20], poderão ter feito parte das festividades. Tragicamente, Afonso viria a morrer no ano seguinte, evento que motivou a composição de um lamento musical de autor anónimo, **Ay, ay, ay, ay, que fuertes penas** [8], com texto adaptado de um poema do castelhano Fr. Ambrosio Montesino.

Poucos anos depois de perder o filho, em 1495, D. Leonor viria também a enviuvar; por sua intervenção, o seu irmão Manuel foi designado para suceder ao seu marido no trono. D. Manuel desposou a viúva do príncipe Afonso, prossequindo a estratégia de alianças matrimoniais com Espanha. Consequentemente, neste período de transição entre os séculos XV e XVI, o repertório musical castelhano teve ampla difusão em Portugal, nomeadamente as cantigas, vilancetes e romances seculares com que os palacianos animavam os seus serões, e que rapidamente se tornaram parte integrante da cultura cortesã portuguesa em que vivia a Rainha Viúva. Desse repertório são exemplo as peças **Dindirindin** [9], **La bella malmaridada** [10] e **Falalalan falalalera** [11], registadas em diversos cancionários espanhóis da época.

Foi por esta altura, em 1502, que D. Leonor encomendou ao então promissor dramaturgo Gil Vicente uma peça de teatro para as celebrações do Natal desse

ano. Vicente compõe então o *Auto Pastoril Castelhana*, em cujo texto integra várias cantigas do repertório de corte, tirando habilmente partido da popularidade de que gozavam. Uma delas é *Norabuena quedes Menga*, uma chançoneta (canção de tema religioso) cantada «com tangeres e bailes», que é uma versão sacralizada do popular vilancete castelhano ***Norabuena vengas Menga*** [22]. Para além desta reapropriação criativa do repertório musical em voga, o próprio Gil Vicente compôs algumas canções para as suas peças de teatro, como é provavelmente o caso de ***Si dormis doncella*** [21], cantada na farsa *Quem tem farelos* (1515?), cuja melodia é parcialmente reconstituível a partir de indicações musicais integradas no próprio texto dramático.

Nesta época, a transmissão de repertório musical dava-se maioritariamente de Espanha para Portugal, mas, à semelhança do século anterior, ocorreu também no sentido inverso. O exemplo mais conhecido de circulação de música de origem portuguesa além-fronteiras é a dança da *folia*, associada a uma sequência melódico-harmónica simples mas muito apelativa, que ganhou popularidade em Espanha e, mais tarde, se alargou a França e Itália; é sobre esta fórmula que o célebre Juan del Encina, congénere e contemporâneo de Gil Vicente, compõe o vilancete ***Pues que ya nunca nos veis*** [23]. Mas não é caso único: os vilancetes portugueses ***Minina formosa*** [3] e ***Vida da minha alma*** [4] foram muito difundidos em Espanha, tornando-se mesmo peças arquetípicas da música portuguesa nesse país. Também estas canções extravasaram os limites da Península Ibérica, pois encontramos-as registadas num manuscrito copiado em Itália, onde chegaram provavelmente através do reino de Nápoles, então sob domínio da coroa espanhola. Dentro das nossas fronteiras, estas canções, a par de outras como ***Minina dos olhos verdes*** [17], constituíram-se como verdadeiros clássicos da cultura de corte, inspirando a vindoura geração de poetas portugueses, que escreveram glosas baseadas nos seus textos, com Luís de Camões à cabeça.

Pouco antes de o seu irmão D. Manuel morrer, em 1521, D. Leonor ainda conheceu a sua terceira esposa. Esta, também de nome Leonor, era irmã do impe-

rador Carlos V, conhecido melómano, cuja canção preferida, diz-se, era ***Mille regrets*** [16], do célebre compositor Josquin des Prez. Quatro anos depois, afligida por uma prolongada doença que a deixara fisicamente debilitada, mas sempre lúcida e perspicaz, D. Leonor viria a falecer no Convento da Madre de Deus, em Lisboa. No seu longo e muitas vezes atribulado percurso de vida, em que conviveu de perto com conflitos familiares e crises políticas, e em que viu morrer o filho único, o marido e o irmão mais novo, é provável que também ela tenha acumulado *mille regrets* («mil mágoas»). Seria, porém, maior o mérito do seu valioso legado social e cultural, que ainda hoje se faz sentir.

Nuno de Mendonça Raimundo
CESEM / Universidade Nova de Lisboa

Ay, ay, ay, ay, que fuertes penas. Bibliothèque nationale de France,
Département des manuscrits, Français 12744, f. 94v (pormenor)



Minina fermosa

*Minina fermosa,
dizei de que vem
serdes tão irosa
a quem vos quer bem?*

Nace em um sujeito,
como pode ser?,
rigoroso preto,
brando parecer.
Cruel e fermosa,
meus olhos o vêem
serdes tão irosa
a quem vos quer bem.

Vida da minha alma

*Vida da minha alma,
não vos posso ver;
esta não é vida,
hei-me de perder.*

Não pode a vontade
onde vive amor
esconder saudade
nem encobrir dor.
Nem há mal pior,
nem há mais morrer
que ver-me com vida
sem vos poder ver.

Neste bem que quero
na alma, no desejo,
vivo do que espero,
mouro do que vejo.
Cuidado sobejo
me tem sem vos ver,
com mais triste vida
que vendo-a perder.

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas! (versão em português)

Ai, ai, ai, ai! que fortes penas!

Ai, ai, ai, ai! que forte mal!

Falando estava a rainha no seu palácio real
com a infanta de Castela, princesa de Portugal;

Ali veio um cavaleiro com grandes choros chorar:
«Novas te trago, senhora, dolorosas de contar.
Não são de reino estranho, de aqui são, de Portugal.
O vosso príncipe, senhora, o vosso príncipe real,
está caído de um cavalo, e a alma quer a Deus dar;
se o queres ver com vida não queres mais tardar.
Ali está o rei seu pai que quer desesperar;
choram todas as mulheres, casadas e por casar».

Dindiridin

*Dindiridin ridin rindayna
dindiridin*

Me leuay vn domatin
matinet davant lalba
per andar a un giardin
per collir la cirofrada
dindiridin

Ju me levé un bel maitin
Matineta per la prata;
Encontré le ruyseñor
que cantaba so la rama
dindiridin

Encontré le ruyseñor
que cantaba so la rama
ruyseñor le ruyseñor,
fácteme aquesta embaxata
dindiridin

Ruyseñor le ruyseñor,
fácteme aquesta embaxata
Y digaolo amon a mi
que ju ja so maritata
dindiridin

La bella malmaridada

*La bella malmaridada
de las lindas que yo vi:
Acuérdate cuán amada,
señora, fuiste de mi.*

Lucero resplandeciente,
tiniebla de mis placeres.
corona de las mujeres,

gloria del siglo presente;
estremada y excelente,
sobre todas cuantas vi;
acuérdate cuán amada,
señora, fuiste de mi.

Falalán falalalera

*Falalalan falalalalera
falalalan de la guarda riera.*

Quando yo me uengo
De guardar ganado
Todos me lo dizen
Pedro el desposado
A la he si soy
Con la hija de nostramo
Questa sortijuela
Ella me la diera.

Alla rriba rriba
En ual de roncales
Tengo yo mi esca
Y mis pedernales
Y mi çurronçito
De çieruos ceruales
Hago yo mi lumbre
Sientome doquiera.

Viene la quaresma
Yo no como nada
Ni como sardina
Ni cosa salada
De quanto yo quiero
No se haze nada
Migas con azeite
Hazen me dentera.

Il sera pour vous combattu / L'homme armé

Il sera pour vous combatu,
Le doubté turcq Maistre Symon.
Certainement, ce sera mon,
Et de croq de ache abattu.
Son orgueil tenons abattu,
S'il chiet en vos mains le felon.

Il sera pour vous combatu,
Le doubté turcq Maistre Symon.

En peu d'heure l'arés batu,
Au plaisir Dieu puis dira on
Vive Symon et le breton
Que sur le turcq s'est enbattu

*L'homme armé doit on doubter.
On a fait partout crier
Que chascun se viengne armer
D'un haubregon de fer.*

Mille regretz

Mille regretz de vous abandonner
Et d'eslonger vostre fache amoureuse,
Jay si grand dueil et paine douloureuse,
Quon me verra brief mes jours definir.

Minina dos olhos verdes

*Minina dos olhos verdes,
porque me não vedes?*

Vede-me, senhora,
olhai que vos vejo,
e que meu desejo
crece de hora em hora.
Serdes crua agora
não é de olhos verdes,
pois que me não vedes.

Olhai que padeço
por vossos amores;
olhai minhas dores,
vede o que vos peço.
Olhos que eu conheço,
graciosos e verdes,
porque me não vedes?

Eles verdes são,
e têm por usança
na cor esperança
e nas obras não.
Vossa condição
não é de olhos verdes,
pois que me não vedes.

Portugaler / Ave tota casta virgo

Ave tota casta virgo, intemerata puella
que etiam luminis claritatem dum genuisti.
Omnis factura collaudat te genitricem.
O sancta genitrix iugiter te petimus omnes:
Virgo mitis, pia: duc nos ad gaudia.
Hic nos ille locet
qui sine fine manet.

Omnis factura collaudat te genitricem.

*Ave, senhora pura e virgem imaculada,
que geraste a claridade da luz.*

Toda a criação te louva como mãe de Deus.

*Ó santa mãe, todos nós te pedimos incessantemente
que nos guies à alegria.*

*Que Aquele que vive na eternidade
nos conceda aqui um lugar.*

Toda a criação te louva como mãe de Deus.

Si dormis doncella

Si dormis doncella
despertad y abrid,
que venida es la hora
se quereis partir.

Si estais descalça,
Não cureis de vos calçar
Que muchas ágoas
Teneis de passar...

[Teneis de passar]
Ágoas d'Alquebir,
Que venida es la hora
Si quereis partir.

Norabuena vengas, Menga

*Norabuena vengas, Menga,
Ara fé que Dios mantenga.*

Donde dejaste el ganado,
Pastorcillo descuidado?
Pues que vienes tan cansado,
Ara fé que Dios mantenga.

Dejelo en su regajo
Paciendo á gran gasajo,
Y vengo por pan y ajo,
Ara fé que Dios mantenga.

Daros he la mantequilla,
Aunque envuelta en la capilla,
Si me dais pan y morcilla
Antes que mi amo venga.

Y traigo un poco de leche,
Y dadme algo en que la eche,
Porque mas os aproveche,
Ara fé que Dios mantenga.

Norabuena quedes, Menga

(Gil Vicente, *Auto Pastoril Castelhana*, 1502):

*Norabuena quedes, Menga,
A la fé que Dios mantenga.*

Zagala Santa bendita,
Graciosa y morenita,
Nuestro ganado visita,
Que ningun mal no le venga.

Pues que ya nunca nos veis

*Pues que ya nunca nos veis,
no sé por qué lo hacéis.*

Vuestro olvido ha sido tanto,
que es cosa de espanto.
En tan poco nos tenéis?
No sé por qué lo hacéis.



Gravado no Museu do Hospital e das Caldas (Caldas da Rainha),

Agosto / Setembro de 2025

Engenheiro de som: Miguel Constantino

Assistente de gravação: Elisa Pône

Produção musical: Duncan Fox

Design gráfico: Joaquim António Silva

Texto: Nuno de Mendonça Raimundo

Fotografias: Tiago Sousa Dias

Imagem da capa: Domingos Lopes, *Rainha D. Leonor*, 1657 (pormenor).

Óleo sobre tela. Inscrito: "A.S.D., LEONOR. M DE EL REI/ JOAO 2º FUNDADORA DESTA / HOSPITAL DAS CALDAS". Museu do Hospital e das Caldas, INV: ULSO-MHC-P1

Apoios:



ULS
OESTE



